

A humanidade sempre sentiu uma especial atracção por métodos que pudessem servir para curar todas as maleitas humanas, especialmente se tais panaceias fossem baratas e não exigissem esforço pessoal. A hipnose ou hipnotismo (este último termo costumando ser mais usado para actividades ligadas ao espectáculo ou a demonstrações públicas) parece bem encaixar-se nessa condição. Abraçada inicialmente por investigadores idóneos (Charcot, Freud, entre os mais conhecidos e citados)<sup>1</sup> e também por trapaceiros ou simples artistas de circo, ao longo do séc. XIX, foi depois sendo deixada meio no esquecimento (exceptuando em espectáculos) ao longo dum grande parte do século XX, para de novo retornar em força no fim desse século, e com o apoio da ciência. São mesmo alguns profissionais, médicos, psicólogos e psiquiatras, os principais arautos dos benefícios da hipnose.

A hipnose surge como alternativa à anestesia para cirurgias e para os partos sem dor, como fonte de investigação de memórias reprimidas, como método de cura de obesidade, toxicoddependência, psoríase, ataques de pânico, depressão, alergias, fobias, insónia, problemas gastrointestinais, disfunções sexuais, situações de dor crónica, ou mesmo hemorróidas... e ainda para explorar vidas passadas e estados de quase morte, ou até mesmo alcançar sucesso, prosperidade, amor e felicidade na vida<sup>2</sup>.

Realmente, a hipnose parece ser a solução para muitos males que afligem a humanidade... quase que se pode imaginar como também se poderiam resolver os problemas do mundo, com apenas uma voz sedutora, algumas boas mensagens sussurradas, um sono profundo e, ao estalar dos dedos, já está... o paraíso. Caso não ceda logo à primeira sessão, o que não é assim tão invulgar, também não costumam ser precisas muitas mais vezes... meia dúzia, porventura, no máximo.

Mas em boa verdade há inúmeras provas científicas sobre como a hipnose pode ser útil e de forma bem-sucedida na eliminação de vários problemas físicos e psicológicos. Com algumas sessões de hipnose apenas, muitas pessoas deixaram os vícios, abandonaram comportamentos negativos e perigosos, libertaram-se de sofrimentos notórios.

Porque então é esta técnica maravilhosa colocada como um potencial perigo para quem procura desenvolver-se espiritualmente (e não só)?

Porque muitos dos médicos, psicólogos e demais profissionais e terapeutas que abraçam a hipnose não consideram os aspectos mais eternos da vida. Para eles, o corpo e a mente são meras máquinas, mesmo que na versão de computadores sofisticados, que precisam apenas de reparação mecânica em caso de mau funcionamento. Se há um software estragado, ou que está a gerar problemas, basta substituir esse software e está tudo resolvido. É quase tão simples como mudar um pneu ou alinhar a direcção do automóvel... Sofre de algum problema

---

<sup>1</sup> Freud deixou recorrer à hipnose para explorar os problemas dos seus pacientes pois foi descobrindo algumas desvantagens do recurso à hipnose

<sup>2</sup> Consultar a página online de hipnose e hipnoterapia <http://www.hypnos.co.uk/hypnomag/articles.htm>

ou desconforto? Bem, basta induzir uma informação contrária no subconsciente para tudo se resolver. Mas, na verdade, e apesar do desgosto ou aborrecimento que isso deverá causar em algumas pessoas, o ser humano não é uma mera máquina, nem o caminho espiritual se faz apagando automática e inconscientemente as mensagens erradas ou os programas defeituosos.

Um defeito humano é sempre um desafio a ser corrigido em consciência e não em inconsciência, pois dessa resolução extraí-se uma sabedoria valiosa e indispensável no caminho espiritual. Vencer um vício pela hipnose não é vencer coisa alguma, pois nada de importante resultou dessa vitória que possa perdurar no espírito. Se o sofrimento fosse apenas um mero desvio da existência e não contivesse em si um real impulso para o crescimento anímico, e se o desígnio humano se limitasse simplesmente a gozar o mais possível dos prazeres que a Terra pode proporcionar, então seria admissível a hipnoterapia, mas o ser humano não é um robot ou um animal limitado à Terra.

Pode-se argumentar que há situações pontuais em que a hipnose pode ser vantajosa, face aos métodos actualmente conhecidos, e que delas não se irá extrair grandes verdades ou valiosas experiências. Além de que também não se é contra os medicamentos e outras terapêuticas que camuflam ou minimizam os estados patológicos, aliviando ou anulando sintomas negativos sem que a pessoa faça qualquer aprendizagem espiritual dessa forma.

Realmente, parece não haver grandes objecções de índole espiritual quando a hipnose é usada como método anestésico, pois mesmo com a anestesia a pessoa estava a dormir... É verdade que há diversas situações em que a hipnose não parece ser um atalho ou uma burla face aos propósitos da evolução espiritual; e é verdade que mesmo sendo uma forma de burlar os desígnios evolutivos, também actualmente há inúmeras técnicas que o são e das quais ninguém iria prescindir ou recusar. E em situações bem controladas, alguns dos efeitos secundários que podem ocorrer com a hipnose (de ordem mais médica do que espiritual e que serão referidos mais adiante), ficam muito limitados, tornando-se a hipnose num método seguro enquanto método adjuvante de outras terapêuticas ou enquanto aliviador de sofrimento incapacitante ou desmoralizador.

Entre ser-se hipnotizado para, por exemplo, se eliminarem os sintomas da asma ou tomar-se os medicamentos que se limitam a anular temporariamente os sintomas, não parece haver grande diferença, pois em qualquer das duas abordagens não se confrontam as causas mais profundas da doença, seja dum ponto de vista psicológico ou espiritual.

Também é verdade que, de forma semelhante à terapêutica com recurso a medicamentos, e a outras terapêuticas, também são possíveis efeitos secundários na hipnoterapia, estando os mesmos bem enunciados num artigo de revisão do assunto por parte do hipnoterapeuta, e doutorado, Maurice Kouguell («Possible Dangers and Complications»<sup>3</sup>):

São referidas complicações derivadas de:

---

<sup>3</sup> disponível em <http://www.hypnogenesis.com/kougue13.htm>

- a) um sintoma ser removido por comando directo
- b) uma sugestão pós-hipnótica ser dada inadvertidamente
- c) pacientes sob efeito hipnótico tenderem a aceitar sugestões de forma concreta, se não mesmo literal, do que poderá resultar reacções indesejadas e que serão uma surpresa para o hipnoterapeuta
- c) a hipnose ser usada num tratamento de uma condição para a qual o hipnotizador não saiba tratar essa mesma condição sem o recurso à hipnose, ou seja, um problema deve ser tratado por um hipnotizador quando esse mesmo hipnotizador tem conhecimentos para também tratar esse problema sem recurso à hipnose. Isto quer dizer que o hipnotizador conhece a fundo o problema e as suas ramificações.
- d) um sintoma que é removido por hipnose estar a mascarar ou ocultar um outro problema mais grave, que vai ficar assim a descoberto e activo (sendo geralmente de consequências imprevisíveis, como o caso de pessoas que perdem uma fobia e entram em depressão e desenvolvem com tendências suicidas)
- e) substituição de sintomas (quando não se compreende a fundo o modo e a causa de dado sintoma este ao ser retirado pode ser substituído por outro). Deve ter-se em consideração que antes de se remover um sintoma deve compreender-se quais as funções que ele exerce na organização psíquica da pessoa.

Um resumo de algumas das complicações possíveis (duma lista de cerca de 50 complicações referenciadas):

- fadiga e sono excessivo, mas também insónia
- ansiedade, ataques de pânico
- défice de atenção
- confusão mental e perda de concentração
- descompensação, pensamentos psicóticos e mesmo psicoses
- despersonalização e crises de identidade
- depressão e tendências suicidas
- memória distorcida
- dores de cabeça, náuseas e vómitos
- pensamentos obsessivos
- alterações de personalidade
- comportamentos regressivos
- desmaios e entradas em transe espontâneas, letargia
- somatização
- disfunções sexuais
- retardamento psicomotor

- alucinações
- tremores
- choro compulsivo
- medo de perder o controlo

Na literatura científica sobre hipnose ao longo de 100 anos que vêm sido feitos alertas quanto aos possíveis efeitos, alguns fatais, do recurso à hipnose sem as devidos conhecimentos e precauções, o que facilmente ocorre quando o profissional não é qualificado para tal (e isso não quer dizer apenas ter um curso de hipnoterapia, mas também ser um psicólogo ou médico com experiência)

Assim, se forem tomadas todas as medidas cautelares propostas pelos peritos, porque não recorrer à hipnose se os seus diversos perigos e efeitos secundários forem devidamente prevenidos e reduzidos, ou mesmo eliminados, ao se recorrer a um profissional experiente, integrado numa equipa médica, por exemplo, e em que, também, não sejam possíveis abusos nem influências não éticas sobre o paciente em transe?

O problema reside, uma vez mais, no facto da hipnose interferir negativamente com a organização e segurança espiritual humana, especialmente com o corpo etérico ou vital! E são inúmeros os escritos de ocultistas honestos e conhecedores (e não meros curiosos nem comerciantes do oculto) a denunciarem os perigos da hipnose, pois o recurso a este método, mesmo que feito com as devidas precauções científicas, conduz:

-- à deterioração ou mesmo ao corte de ligação entre o Eu Superior e o eu inferior. Para quem está meramente centrado nos aspectos físicos e materiais da vida, esta consequência pode não parecer importante, mas os resultados são uma diminuição da influência espiritual na vida duma pessoa, ficando esta mais sujeita aos ditames do mundo e afastada da sua própria sabedoria interna, e a impossibilidade ou uma maior dificuldade de se prosseguir uma via iniciática. Note-se que as influências vindas do mundo astral ou mental inferior continuam possíveis; pois a quebra dá-se relativamente aos mundos superiores a estes últimos.

-- à separação a nível da cabeça das partes física e etérica, sendo através desta separação que se pode induzir o estado hipnótico e a perda da consciência. O problema é que para além dum possível menor ajustamento entre a parte física e a contraparte etérica e consequente deterioração de algumas capacidades mentais e/ou da vitalidade, também fica aberta a porta para obsessões e influências astrais negativas, pois a integridade do corpo vital ficou comprometida e qualquer entidade, menos positiva, pode interferir.

-- à intrusão de éter do hipnotizador no corpo etérico da «vítima»; conforme explicou Max Heindel ao observar clarividentemente o efeito do hipnose sobre o corpo etérico de um paciente. Sempre que alguém é hipnotizado fica alojado no seu corpo vital/etérico uma porção do corpo etérico do hipnotizador, funcionando como «chave» de acesso externo ao corpo etérico da pessoa (tornando mais fácil induzir o estado hipnótico nessa pessoa em sessões

posteriores) e contendo a mensagem induzida pela hipnose. Esta fracção estranha de éter mantém-se com o sujeito hipnotizado mesmo após a sua morte, sendo apenas destruído quando o hipnoterapeuta morrer, e constituindo factor de ligação tanto na terra como no Além entre o hipnotizador e o paciente. É por isso que os estados de transe e a hipnose são armas muito usadas pelos magos negros para obterem vítimas obedientes aos seus desígnios, conforme explicou Rudolf Steiner na sua palestra *Foundations of Esotericism*.

É compreensível que uma grande parte dos profissionais que recorrem à hipnose não são propriamente magos negros (pelo menos conscientemente), mas mesmo assim, os pacientes continuam com o problema de serem afectados, em maior ou menor medida, pelas energias irradiadas da personalidade do profissional, com o qual estabeleceram uma ligação etérica, até ao fim da vida deste último (e vice-versa). Quanto mais frequentes forem as sessões de hipnose mais forte será essa ligação, que, independentemente do espaço e do tempo, liga intimamente duas pessoas que ficam à mercê uma da outra. E no caso do hipnotizador a situação pode ser deveras grave, pois através da sua actividade vai criando laços energéticos com diversas pessoas, abrindo assim a sua personalidade e corpo energético a inúmeras influências.

-- à perturbação do corpo vital/etérico, que é a zona da memória e uma estrutura vital não só para a vida, mas também para o período inicial pós-morte. Quem quererá aceder à região etérica, após o desencarne, e ver o filme da sua vida com segmentos baralhados ou confusos?

-- a uma maior susceptibilidade a outras formas de sugestão ou pressão. Uma pessoa que foi hipnotizada apresenta menos defesas contra influências externas, não só do hipnotizador, mas também das inúmeras formas de sugestão sempre presentes na nossas vidas através dos meios de comunicação social ou mesmo dos discursos políticos ou religiosos. Uma vontade humana violentada pelo recurso à hipnose, mesmo que consentida, é uma vontade diminuída na sua função de protecção da individualidade. E, como advertiu Leadbeater (Lado Oculto das coisas), falando dos perigos da mediunidade e do hipnotismo: «Que ninguém abdique da sua soberania sobre si mesmo, sobre o seu corpo ou a sua mente».

-- a um mero adiamento dos problemas, pois quaisquer mudanças de personalidade ou comportamentais conseguidas com recurso à hipnose não são verdadeiras mudanças, constituindo apenas um adiamento do problema, uma lição afastada mas não aprendida, que terá de ser enfrentada mais tarde e em condições por vezes mais dramáticas. A hipnose é, neste caso, uma fuga que não poderá manter-se eternamente, sendo um método sem qualquer interesse para quem acredita no renascimento e na necessidade de evolução espiritual.

Bô Yin Râ em *Mysteries of Nature's Hidden Side*, capítulo seis "Concerning Hypnosis", afirma que: «Todo o processo de hipnose em última análise, não é mais do que um tipo de espiritismo. A diferença entre o espiritismo vulgar e o hipnotismo é que neste último um ser humano é influenciado por um outro ser humano vivo, enquanto no espiritismo propriamente dito o lugar do hipnotizador é assumido por uma entidade suprafísica.» Afirma ainda que um hipnotizador não sabe como impedir, nem sequer consegue perceber, como diversos habitantes dos

mundos invisíveis tomam posse da pessoa hipnotizada, que se tornou artificialmente um gênero de médium temporário».

Não foi certamente por acaso que T. Saraydarian escreveu: «As forças obscuras usarão todos os meios para impedir o nosso autodomínio. Entre outros, a ciência negra do hipnotismo será novamente usada de muitas maneiras para controlar a vida de muitas pessoas, impedindo temporariamente as suas Almas de usarem o Seu poder para dominarem o mecanismo, guiarem o homem de acordo com suas obrigações e direitos cármicos e removerem os quatro obstáculos principais»<sup>4</sup> e que Helena Blavatsky (em *Studies on Occultism*) considerou o hipnotismo como uma nova e científica designação para uma velha "superstição" chamada de fascinação ou encantamento.

Ser-se hipnotizador ou ser-se submetido a hipnose é incompatível com uma vida espiritual elevada e consciente, servindo a hipnose fundamentalmente os baixos interesses dos seres trevosos que procuram a automatização do ser humano e a perda da liberdade e da consciência espiritual, não passando um hipnotizador de um agente trevoso, por mais «bem» intencionado que seja. E quem seja clarividente ou sensitivo e se desloque a um local onde se pratica hipnose, mesmo terapêutica, certamente se apercebe das energias e entidades negativas que infestam esse local, contaminando, em maior ou menor grau quem aí se desloque.

---

<sup>4</sup> *Meditação – Caminho para a Auto-Realização.*